

TENDÊNCIAS/DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Vida, morte e o futuro da Amazônia

MARINA SILVA

NO DIA 15 DE DEZEMBRO Chico Mendes teria completado 56 anos. No dia 22 de dezembro, há 12 anos, foi assassinado e passou para a galeria dos mitos e heróis brasileiros e mundiais, como o defensor da floresta amazônica. Hoje, quando estamos em novo ciclo do eterno debate sobre as ameaças de “internacionalização da Amazônia”, é bom chegar mais perto da essência do projeto de futuro que Chico deixou.

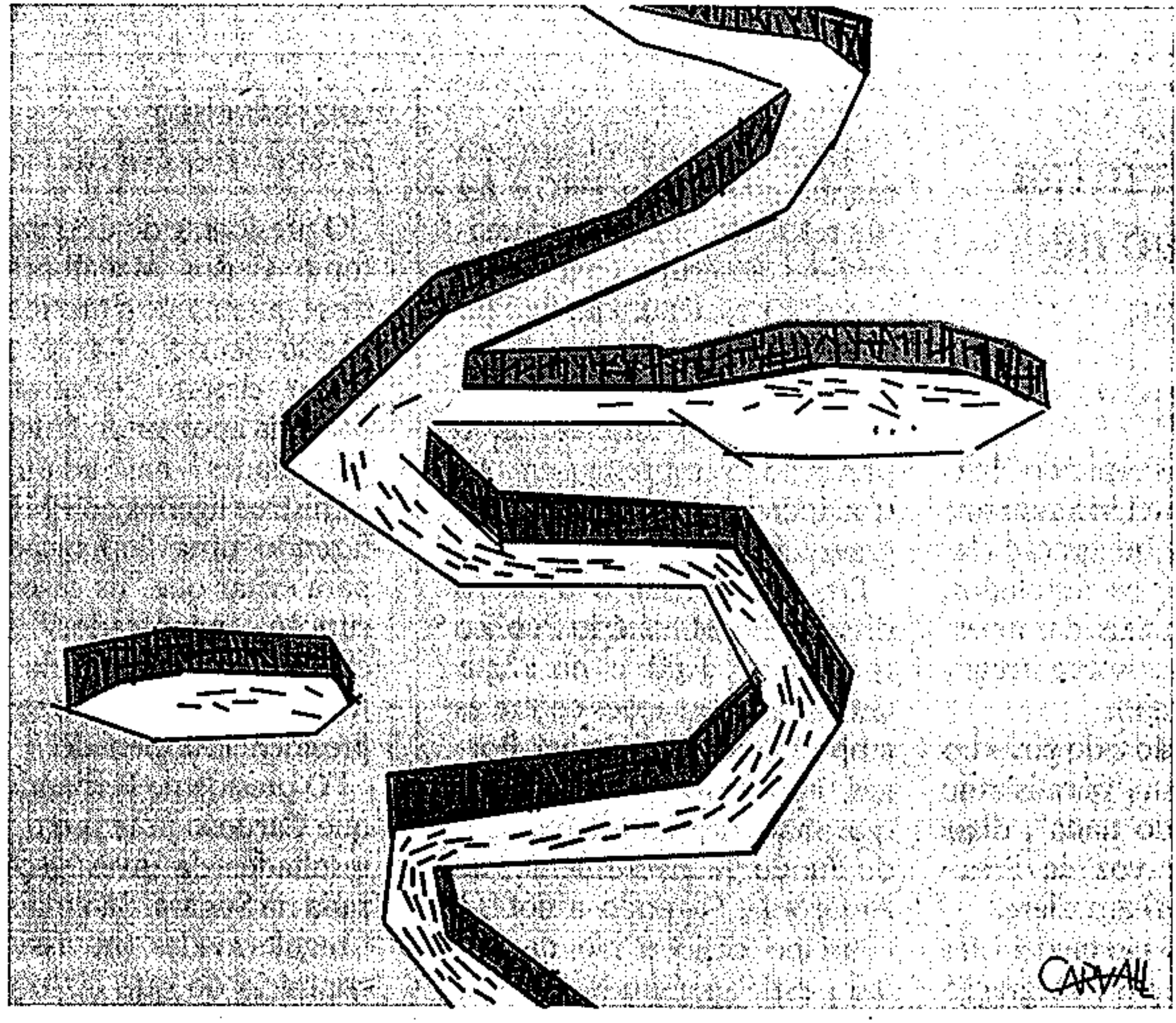
Com certeza, e correndo o risco de gerar novas polêmicas, diria que é muito mais importante entender e levar adiante a “agenda positiva de Chico Mendes” do que alimentar a “agenda negativa da internacionalização”. Se a ameaça realmente existe, é básico assumir a região como parte, de fato, do território brasileiro. Isso vai além de reações iradas a tudo o que se diz lá fora a respeito da Amazônia. Precisa envolver o reconhecimento de que o país tem ali riqueza estratégica que deve ser tratada com engenho e arte, e não como fronteira a ser apropriada pela economia tradicional.

Se há homenagem digna a Chico Mendes, é reconhecer que, mesmo contra a corrente, há evidências de que o caminho alternativo tem futuro na Amazônia. Iniciativas, a despeito da escala pequena ou média (como acontece no Acre e no Amapá), mostram que é possível levar adiante um tipo de desenvolvimento sustentável, no qual os objetivos da economia são mediados pela ética social e ambiental e por valores humanos e espirituais.

No dia 25 de outubro último tivemos uma demonstração do que há de novo na Amazônia. Chovia bastante em Xapuri, Acre, como no dia do enterro de Chico Mendes, há doze anos. E no mesmo lugar, ao lado da igreja, num pequeno palanque, a multinacional Pirelli lançou o pneu Xapuri, inteiramente feito de borracha natural brasileira, produzida pelos seringueiros do Acre.

Da morte de Chico, de Wilson Pinheiro e de outros trabalhadores rurais até o pneu Xapuri há um caso exemplar, duramente construído, de mudança na compreensão do sentido e dos rumos do desenvolvimento. Na Amazônia, que tem desafiado continuamente a compreensão tradicional de desenvolvimento, o Acre, especialmente, transformou-se num laboratório, e Xapuri, num campo de testes tecnológicos e comunitários, limitados ainda, mas densos o suficiente para fustigar as couraças teóricas estabelecidas.

A longa negociação que levou ao pneu Xapuri começou numa viagem que fiz à Itália em 96. Num dos encontros, com diretores da Pirelli Internacional e com sindicalistas da Central Geral dos Trabalhadores Italianos, ao tratarmos da



Para Chico Mendes não havia barreiras ideológicas intransponíveis em negociações

importância da Amazônia fiz uma observação sobre a distância entre o desejo mundial de ver a floresta salva e o efetivo compromisso com a solução dos problemas que levam à sua devastação. O principal: a falta de apoio a alternativas econômicas de sobrevivência sustentáveis. A mesma Europa de acentuado sentimento ecologista também é mercado para práticas econômicas predatórias, como a compra de madeira ilegal.

O que estamos tentando demonstrar no Acre há tempos é que há um filão de modernidade e avanço a partir da aceitação de que a própria floresta e sua diversidade biológica e social são motores de desenvolvimento.

O caso da Pirelli — assim como o da Mercedes Benz na parceria com as quebradeiras de coco no Maranhão; ou da Aveda com os índios Yauanawá; ou das propostas de produção ecológica da Natura — é uma gota num oceano de novas possibilidades, mas significa muito como sinal. Sinal de que é possível humanizar o desenvolvimento, torná-lo compatível com equilíbrio ambiental e socializar seus frutos. É exemplar também porque acontece em Xapuri, lugar de tragédia e de esperança.

A imagem de um pneu lançado festivamente diante de uma platéia de seringueiros ensina que homens e mulheres simples e executivos sensíveis podem negociar com sucesso e fazer valer seus respectivos interesses, mediados por respeito a causas maiores.

A empresa investiu tempo de seus técnicos para dar assistência e treinamento aos extrativistas na qualificação da borracha, garantiu a compra, sentou-se à mesa com uma senadora, um padre (Luiz Ceppi), um deputado estadual (Ronald Polanco), um prefeito (Júlio Barbosa), o governador Jorge Viana, os representantes dos seringueiros, todos herdeiros da luta de Chico Mendes, que tinha entre seus méritos a visão política aberta, sem preconceitos, disposta a conversar com todos. Para ele não havia barreiras ideológicas intransponíveis em negociações. Havia pessoas confiáveis ou não, havia o imperativo ético.

Esse é o desafio do Brasil hoje: recriar a política para viabilizar a mudança. Espero que sejamos capazes de levar adiante essa postura.

Trata-se de pactuar, no fundo, uma atitude convergente em relação ao mundo, apesar de nossas diferenças. Mesmo num mundo de mercadorias, acreditar em valores. Espero que um dia isso cresça e a atitude ética e humanista, para além do lucro, seja natural. Se não da parte de todos, pelo menos da maioria. E viva Chico!

Marina Silva, 42, historiadora, é senadora pelo PT do Acre. Foi fundadora da CUT (Central Única dos Trabalhadores) no Acre.
 E-mail: marinasilva@senado.gov.br